— II —

A vida sentimental de Soares Bulcão

Demócrito Rocha

Sejam as minhas primeiras palavras uma evocação. Reporto-me ao dia 4 de Março de 1887, em que se fundou êste Instituto e relembro os nomes dos que lhe assinaram a primeira ata: Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Guilherme Studart, *Joakim* de Oliveira *Katunda*, padre João Augusto da Frota, João Batista Perdigão de Oliveira, Antônio Augusto de Vasconcelos, Antônio Bezerra de Meneses, Júlio César da Fonseca Filho. A idade média dessa *équipe* histórica era de 40 anos incompletos. O mais velho dêles era Catunda, aos 53 anos. O mais moço: Studart, aos 31. Bezerra contava 46 anos. Paulino, 45. Frota, 38. César, 37. Augusto, 35, e Perdigão, 33.

Dêles todos, ùnicamente Studart ainda contava a idade revolucionária, que termina, segundo se crê, aos 33 anos, desde quando o homem principia a recolher-se para meditar. De mim, porém, vos digo que tenho vindo além, na minha paixão pelas reformas.

Dos oito subscritores da primeira ata do Instituto do Ceará, nenhum sobrevive. Vinte anos depois da fundação desta casa, a morte abateu o primeiro, Catunda, em 1907. Em 1908, morreu Paulino. Treze anos após, desapareceu Antônio Bezerra, em 1921. Perdigão se foi em 1929. Antônio Augusto, em 1930. Júlio César, em 1931. Studart, em 1938, e Padre Frota, em 1942.

Há, todavia, uma circunstância animadora a assinalar: foi a notável longevidade alcançada pelos oito fundadores do Instituto, cuja existência média atingiu 78 e meio. Quem durou menos foi Paulino, morto aos 66 anos. O Padre Frota viveu 93 anos; Guilherme Studart, 82; Júlio Cesar, 81; Antônio Bezerra, 80; Antônio Augusto, 78; Perdigão, 75; Catunda, 73 anos.

O Instituto se fundou sob o esplendor daquele famoso decênio de oitenta do Século XIX, vinte meses depois de

Pasteur haver inoculado o virus rábico em seu primeiro paciente humano, e catorze meses antes da Lei da Abolição, o decênio histórico em que morreu Caxias e se proclamou a república no Brasil.

Hoje, batemos às vossas portas, neste decênio trágico de quarenta do Século XX. Não somos oito. Somos quatro. A nossa idade média não é a de sòmente 40 anos incompletos, como a dos oito fundadores do Instituto, pois, assim como nos vêdes, temos a média de 46 anos já feitos. O mais jovem é Antônio Martinz Filho, com 38 anos. O mais antigo sou eu: em Abril completarei 55, e vos peço licença para contar pelo duplo a minha idade. Luiz Sucupira está nos 42. Joaquim Alves, nos 49.

A minha condição de porta-voz dos meus companheiros resultou exatamente do fato de ser o mais velho dos quatro, pois sòmente dêste modo conseguirei explicar a escolha do meu nome para falar também por êles.

Qualquer dos meus colegas deterá mais títulos do que eu.

Joaquim Alvos é um sociólogo de aguda observação e os seus trabalhos de geografia humana representam valiosas credencias. "Nas Fronteiras do Nordeste" foi um livro que revelou a fibra do autor. Seus trabalhos ulteriores são todos êles substanciais.

"Estudos de Pedagogia Regional" — "As migrações do vale do S. Francisco para o Carirí" — "O Ceará e suas regiões naturais" — "Afrologia brasileira" — "Aspectos Antropo-Geográficos do Nordeste" — "A Escola e o Sertão" — "O Ceará dentro do Brasil" — eis aí uma série de publicações do mais elevado padrão cultural e da mais decisiva função educacional.

Luiz Sucupira, que nasceu com o Século, em Maio de 1901, já possue uma bagagem de nababo das letras. Militante de inúmeras associações brasileiras, sua vida nessas corporações começou em 1917, no Grêmio Literário Soriano de Albuquerque. Antes de ser o presidente da Ação Universitária Católica, do Rio-de-Janeiro, em 1934, pertenceu ao Grêmio Literário Cearense, ajudou a fundar a Associação Cearense de Imprensa e secretariou o Centro D. Vital, do Ric-de-Janeiro, a Academia Cearense de Letras, a Federação das Academias de Letras, e foi tesoureiro da Ação Católica Brasileira.

Como homem de imprensa, estreou em "O Perfil", jornalzinho que circulou nesta capital em 1918. Em 1922, entrou para a redação d' "O Nordeste", de que ainda hoje é

colaborador. Redator secretário d' "A Ordem", do Rio, em 1932; diretor d' "O Estado", do Recife, em 1933; redator chefe d' "A União", do Rio, em 1934, d' "A Cruz", em 1936 — Luiz Sucupira tem, pois, essa enorme fôlha de serviços prestados ao jornalismo nacional.

A sua condição de periodista não lhe matou, porém, a capacidade de escrever livros. "O Dever da Mocidade" conta duas edições.

Figuram ainda em seu ativo de escritor as seguintes edições: "Curso de Ação Católica" — "Programa de Economia Política" — "A Nova Ortografia" — "Catecismos da Ação Católica" — "O livro que não foi escrito" (folhetim). Inédito, podemos contar "Pátria Gentil", capítulos da história do Brasil, para as crianças.

O mais moço dos meus companheiros, o professor Antônio Martinz Filho, já é quatro vezes autor, tendo publicado "Exortação aos moços", uma oração cívica proferida em 1938 no Liceu do Ceará; "O Ceará", trabalho histórico e informativo, em colaboração com o nosso ilustre consócio Dr. Raimundo Girão; "O Carirí", subsídios para a história da região sul do Ceará, e "Noções de Economia Política", editado em 1942.

Diretor da revista "Valor" de Fortaleza; do "Almanaque do Ceará" e da Academia de Comércio Padre Champagnat — Antônio Martinz Filho é uma robusta afirmação do homem de espírito brilhante e realizador, do intelectual moderno, que assimilou a sua época e os seus complexos problemas de ordem mental.

* * *

Senhores do Instituto:

Aquí nos tendes, assim como vos falo.

Assim foi a nossa vida, lá fora, na dispersão das nossas atividades, trabalhando, cada um de nós, por si só. Dentro desta casa, sob o vosso influxo, protegidos pelo sentido gregário desta provecta corporação e estimulados por vosso exemplo — certamente viremos fazer por onde vos alegreis de nos haver escolhido, até por que o trabalho em companhia é mais atraente e convidativo.

O Instituto impõe uma ética de atividade mental, se não uma própria disciplina. Aguça a estesia do espírito, pelas oportunidades criadas aos reflexos da nossa mais delicada sensibilidade.

Neste momento, por exemplo, êle já me acena com

um dever: o de falar sôbre Soares Bulcão, o dignitário da cadeira que me cabe agora ocupar, cadeira que se vagou com a sua morte, a 17 de Julho de 1942.

* * *

José Pedro Soares Bulcão nasceu a 13 de Maio de 1873, na vila do Arraial, antiga denominação da atual cidade de Uruburetama.

Antes de traçar-lhe a biografia, desejo reproduzir-vos o que sôbre êle escreví a 20 de Novembro último, em minha coluna diário d' "O Povo":

«O meu conhecimento de Soares Bulcão data de 1910, quando eu ainda nem ao menos pensava em vir bater ao Ceará.

Passara alguns dias com Ulisses Sampaio no interior de Cergipe e, ao voltar a Aracajú, à mesma noite da chegada, recebí, na famosa "república" da rua Itabaianinha, a visita de três poetas amigos: Gamaliel de Mendonça, Garcia Rosa e Jackson de Figueiredo, um parnasiano, um lírico e um simbolista.

Jackson trazia dois números da revista "Careta" e foi quem nos deu a notícia:

— Apareceu no Norte um poeta originalíssimo chamado Soares Bulcão.

Mostrou as revistas onde, em cada edição, se publicava uma página inteira com os versos das "Parêmias".

O autor dos "Zíngaros" estava cheio de entusiasmo pela obra do cearense e já lhe sabia tôda a história privada e literária. Garcia Rosa gostou do poeta e Gamaliel de Mendonça, um critico insaciável, pôs em destaque o talento de Soares Bulcão em dar poesia de forma ao tema vulgar da sabedoria do povo, "no seu ingênuo falar". E sentenciou:

— O homem é sóbrio.

Jackson, com o seu natural arrebatamento, retrucou:

— Sóbrio, não. Êsse homem é um monstro.

E começou a recitar as parêmias que mais o sensibilizaram, desdobrando-lhes o sentido filosófico.

Garcia Rosa, um gigante delicadamente macio e doce como o lirismo de seus versos, obtemperou que precisava ler o trabalho de Bulcão. Não podia julgá-lo através da ênfase sugestiva de Jackson, cuja voz, cujos olhos, cuja mímica exerciam uma espécie de fascinação sôbre os ouvintes, quando lia uma página qualquer. Quem depois fôsse ler o verso ou a prosa muitas vezes não encontrava mais a beleza anterior.

Tôda a magia fôra obra de Jackson, do calor de sua expressão.

Mas a verdade é que nós todos, em seguida, vivíamos ansiosos pela chegada dos vapores do Rio, com a "Careta" e as "Parêmias".

Dois anos depois, acolhia-me o Ceará e, no atordoamento da mudança de terra, Soares Bulcão não me veio à lembrança.

Certo dia, na rua Guilherme-Rocha, avistei uma aglomeração popular. Apressei os passos. Havia um homem contundido, derribado no calçamento, e outro que dêle se afastava tão sereno como se apenas tivesse ido reconhecê-lo.

Alto, esbelto, elegante, vestindo linho branco e usando um chapéu de largas abas — êsse homem, que derribara um antagonista e se retirava tranquilo, era Soares Bulcão, o poeta que eu de longe sonhara uma figura débil e melancólica, a escrever quadras nostálgicas e poesias sentimentais.

Fui aos poucos me integrando na vida cearense, ampliando minhas relações e conquistando amizades. Bulcão foi um amigo que eu tive desde 1920 e as nossas afinidades tinham maior valor exatamente por que, no meio das mais extremadas lutas partidárias, o seu campo não era o meu.

Dois temperamentos capazes dos mais rudes embates e dos mais suaves enternecimentos — nunca entre nós uma nuvem turvou a atmosfera de nossa cordialidade (e quantas vezes as refregas políticas e os episódios da vida nos atiraram um contra o outro!).

Aristocrata do pensamento e das atitudes, circunspecto, mesmo entre os mais íntimos do seu convívio, Soares Bulcão tinha uma inquebrantável personalidade e a compostura do seu estilo literário era um retrato fiel do equilíbrio de seu temperamento e do seu caráter.

Quando morreu Antônio Sales, encontrei o autor de "Parêmias" em nosso ponto diário de palestra, no "Banco da Opinião Pública", e lhe pedí:

— Você vai escrever um trabalho sôbre o Sales.

Bulcão tivera uma desinteligência de menor importância com o glorioso cantor de "Minha Terra". Mas dona Lígia Bulcão de Vasconcelos, sua dileta filha, espírito brilhante e generoso, conseguira apagar aquela ligeira mágoa entre os dois poetas e, quando Sales se partiu, com o coração a sangrar pela derrota da França, o autor de "Parêmias" foi um dos que lhe velaram o leito.

O artigo de Bulcão sôbre Antônio Sales é uma página de antologia, em que o artista, o crítico e o amigo maravilhosamente se confundem e se misturam.

Depois veio a doença.

Em várias ocasiões, encontrei-o no consultório médico e compreendí que o homem não sabia lutar contra a enfermidade. Faltava-lhe o temperamento para combater em retiradas e transigências.

A última vez em que nos avistámos foi no princípio de Maio, um Maio sem flôres, de uma terra orfanada, sem as chuvas do inverno.

A fisionomia do poeta guardava a majestade de um rei medieval, com a sua imponente cabeleira grisalha e um ar de quem sentia a morte, mas desejava morrer de pé.

Contaram-me depois que êle fôra ao sertão ver as águas nos açudes e o sol nos algodoais.

Acreditou na vida e tentou vivê-la, numa espécie de pre-ressurreição.

Mas a doença, inexorável, continuou a sua marcha.

O poeta notou de fato que a morte chegava e reagiu como Cyrano de Bergérac:

— "Elle vient. Je me sens déjà botté de marbre,
Ganté de plomb!
Oh! mais!... puisqu'elle est en chemin,
Je l'attendrai debout, et l'épée à la main!"

E como Cyrano deverá Soares Bulcão ter entrado no reino de Deus, varrendo o batente celeste com o penacho de sua compostura individual, "sans un pli, sans une tache».

* * *

Esta pequena crônica despertou reminiscências entre os intelectuais cearenses que vivem lá fora. Benî Carvalho, grande poeta e fino prosador, não se conteve que me não escrevesse a respeito de Soares Bulcão. E a sua carta é um documento tão precioso, que me não furto ao desejo de, em parte, reproduzí-la.

Aqui a tendes:

> As suas mimosas letras, de grande poder evocativo, fizeram-me transpor a ponta do Mucuripe e chegar até aí, donde, raramente, me vêm notícias da terra e dos amigos. É que, tendo sido atirado no nevoeiro do Esquecimento, já quase ninguém se anima a levantar as minhas coordenadas, tarefa a que você, geômetra! agora se abalançou...
>
> Lendo-o, recordei êsse já longínquo 1910 e o episódio

relatado por você, em que tomaram parte, como protagonistas, Soares Bulcão e Luiz Elísio.

Fui testemunha do acontecimento. Nessa época, Elísio, Marcílio de Vasconcelos e eu morávamos numa pensão, à rua Senador-Pompeu, pertencente a uma linda e honesta e jovem viúva (coisas aparentemente antitéticas). Bulcão publicara "Parêmias" e era, exatamente, aquele tipo «alto, esbelto, elegante», com aquele «chapéu de abas largas, vestindo linho branco», que você, picturalmente, descreve.

Luiz Elísio, que, certo, não conheceu, cursava, como nós outros, o quarto ano de direito. Possuía forte cultura literária; era jornalista e poeta de grande espontaneidade, manejando, sobretudo, o epigrama, com a técnica de um jogador de esgrima, ou dum capoeira.

Fazia crítica nos jornais — crítica contundente, antropofágica, de estilização-cunhambebe; e, dêsses exercícios de tacape, resultou o incidente a que você alude.

Fisicamente, era assim: baixo, magro, vermelhinho; e, contrastando, na indumentária, com o autor de "Parêmias", usava um fraque negro, que lembrava Poe e o Corvo, formato rabo-de-galo (recorda-se dessa moda trágica?), trazendo, ao pescoço, uma gravata encarnada, que o vento baloiçava, visto ter a forma daquelas que os pintores de outrora se davam ao prazer de ostentar.

Vi-o assim mesmo, momentos após o incidente com Bulcão, numa das salas da delegacia de polícia.

Agitado, andava dum lado para outro, nervoso, apoplético. Foi comigo para casa. Ficara bastante machucado, pois, na luta, quase tivera partida uma das rótulas. Seu contendor dominara-o completamente. Medicou-se, ingerindo um purgativo de aguardente alemã. Restabelecido, continuou a fazer a vida de estudante; mas, todas as manhãs, bem cedo, saía; ia para os lados do Benfica, conduzindo uma pequena pistola "Mauser", no bolso do colete. Ia treinar «tiro ao alvo», dizia, para, «oportunamente, resolver aquele caso».

Vieram os exames. Aprovado, seguiu para Manaus. Lá, numa tarde, num sábado de carnaval, viu, na calçada de um café, numa roda, Soares Bulcão, Godofredo Maciel, Samuel Uchoa, Artur Cirilo e outros.

Avistando-o, saca do revólver, desfechando-lhe vários tiros.

Bulcão salta por sôbre a mesa para pegá-lo. Êle se afasta apressadamente, atirando. Tumulto. Pânico. Restabelecida a ordem, a vítima fôra, apenas, e felizmente, o "fraque" de Samuel Uchoa, que escapara, assim, de morrer.

Tempos depois, conversando com Bulcão, relembrei êsse passado e perguntei-lhe como, a final, se resolvera tudo aquilo. A resposta foi-me uma surpresa: — Luiz Elísio tornara-se espírita; e, um belo dia, escreveu uma carta a Bulcão, reconciliando-se fraternalmente. Bulcão falou-me dêle sem ressentimento, elogiando-lhe a atitude e os termos nobres e elevados por que se lhe dirigira.

Creio que, nessa época, já Elísio era delegado na localidade mineira de Tremedal, onde, numa diligência, foi assassinado.

Aí está, meu caro Demócrito, uma das recordações que me trouxe a sua crônica, toda escrita nesse estilo tão seu, que denuncia o jornalista e o poeta, devidamente fundidos num só artista. Em poucas linhas, você pôs de pé, na memória dos amigos de Bulcão, a sua figura impressionante, cavalheiresca, combativa, cheia daquela coisa a que se referia Cyrano (que você cita), quando, morrendo, falava à Morte:

« — Quelque chose sans un pli, sans une tache,
J'emporte malgré vous, et c'est...

ROXANE

— C'est?...

CYRANO

Mon panache.»

Perdoe a estopada quilométrica dessas lembranças e creia, sempre, na admiração e velha estima do

Benî Carvalho.

* * *

Esta carta de Benî Carvalho, tão bela e tão generosa para mim, reconstrói, em seus menores detalhes, êsse curioso e violento flagrante da vida combativa de Soares Bulcão, episódio que abalou dois centros literários do Norte: o de Fortaleza e o de Manaus.

* * *

Um estudo de Soares Bulcão comportaria perquirições diferentemente orientadas, por que, no autor de "Parêmias" e "Helianthus", militavam três psicologias quase irreconciliáveis no comum dos mortais: a do áspero e rude combatente; a do infatigável e sereno pesquisador histórico e, finalmente, a do poeta inclinado aos mais suaves enternecimentos.

Do ponto de vista literário, a sua vida foi, sem dúvida, mais completa, e será êste o seu aspecto duradouro, o que irá conduzí-lo à mais prolongada posteridade.

"Parêmias", publicado em 1910, e "Helianthus", que êle deixou organizado e por editar a qualquer momento, são duas obras imperecíveis, que afirmam e consagram o poeta.

Historiador e, sobretudo, genealogista, nesse terreno — evidentemente aquele em que mais trabalhou e ao qual dedicou o maior esfôrço e o mais longo tempo —, sua valiosís-

sima bagagem ainda não pode ser lançada ao grande público, por que existe como elemento apenas coligido e reünido, destinado à instrução de obras posteriores que o autor, surpreendido pela morte, não teve tempo de consolidar. Neste setor de sua atividade intelectual, Soares Bulcão trabalhou sem as ambições da glória de autor, sentimento comum a quantos estudam e esmerilham os escaninhos empoeirados dos arquivos, movidos tanto pelo desejo de saber e conhecer, quanto pela paixão de transmitir e vulgarizar.

O que êle conseguiu encontrar e reünir será a matéria prima de livros futuros, a que o Instituto do Ceará mais tarde deverá dar forma e sistema.

Os trabalhos em prosa publicados por Soares Bulcão atestam a meticulosidade do seu estilo, a pureza de seu vernáculo, o senso do expositor consciente e completo, que êle era.

Mencionamos alguns dêsses trabalhos:

"Cartas Políticas de Solon Pinheiro" (prefácio), 1912, Tip. Chantecler, Fortaleza — "Plácido de Castro" ("Panóplia" nº. 3, 1913, Fortaleza) — "As Lutas do Ceará" ("Fôlha do Norte", Belém do Pará, 1914) — "Luiz Galvez" ("Diário do Estado", Fortaleza, 1914) — "Subsídio para a história do Alto-Puruz", 1918 (inédito) — "El derrumbe", esbôço de novela, 1918, Tip. da Gazeta do Puruz) — "A Função dos Partidos e o dever do partidário" (1925, Edit. Brasileira "Lux", Rio-de-Janeiro) — "Memorial, Município de São-João-de-Uruburetama" (1930, Tip. Minerva, Fortaleza) — "Território do Acre, sua organização" (1916, Tip. do Alto-Puruz, Sena-Madureira) — "Variante pela cidade do Arraial" (1932, Tip. Gadelha, Fortaleza) — "Anastácio Braga, sua vida e sua obra"' (1928, Tip. Minerva, Fortaleza) — "Padre Mororó", (1913, Revista do Instituto do Ceará) — "Arraial" (Vila de S.-João-de-Uruburetama), Rev. do Inst. do Ceará, 1931 — "Comendador João Gabriel" (A origem do nome Acre), Rev. do Inst. do Ceará, 1932 — "Antônio Sales" (Maio de 1941, "O Povo", Ceará) — "Dona Marocas" (Out. de 1941, "O Povo", Ceará).

Colaborador da imprensa, Soares Bulcão figurou nas colunas dos jornais "Unitário" (1906), "Jornal do Ceará", (1909-1910), "Tribuna do Caixeiro" (Manaus, 1908), "O Alto-Puruz" (Sena-Madureira, 1917), "Gazeta do Puruz" (1918-19), "Folha do Povo" (Ceará, 1920), "Comércio do Acre" (Xapurí, 1917), "Correio do Ceará" (1926), "A Razão" (Ceará, 1929), "O Nordeste" (Ceará, 1931, "O Povo" (Ceará, 1940-41).

Mas o renome de Soares Bulcão se projetou, em todo o Brasil, marcadamente, como poeta, em 1910, quando foi

editado o seu livro "Parêmias", uma obra originalíssima, única, no gênero, em lingua portuguesa.

"Parêmias" é um adagiário poético. É um trabalho de pensamento, arte e sabedoria. Tudo, nessa obra, é substancioso. Estilização da filosofia popular, codificação, em verso, da moral de uma centena de gerações, refundida pacientemente pelo estro de um artista cuidadoso — "Parêmias" é um monumento literário, que há de subsistir, um dêsses livros privilegiados que as idades não destroem, antes valorizam.

"Parêmias", todavia, não revelou a figura integral do poeta. Deu sòmente um aspecto da sua lira.

O maior livro de Soares Bulcão é, sem dúvida, "Helianthus", que perdura inédito. "Helianthus" divide-se em três partes: "Corola", "Hastil" e "Fôlhas". Em seguida, vamos encontrar ainda o poemeto "Meu Filho" e, no fim do volume, uma série de versos em que o poeta, havendo perdido a esposa, a sua doce musa — Mirandinha —, aparece tão cheio de melancolia, que a sua leitura arranca lágrimas.

"Helianthus" é um livro, todo êle, de Mirandinha e dos dois filhos dêsse grande amor. Vez por outra, vamos achar um soneto ou uma poesia qualquer alheios ao tema do livro. Essas digressões, todavia, são raras e apressadas.

Mirandinha, Hiram e Lígia são, de fato, a preocupação do poeta.

A dedicatória, por si mesma, já é uma consagração de "Helianthus":

A ti, que és em minh'alma a fé que me estimula,
Que me segues, na vida, entre risos e prantos,
E a cuja sombra esqueço a cólera que ulula,
Em tôrno ao nosso lar, cheio de paz e encantos;

A ti, que pelo mundo, onde o vício pulula,
Me levas, passo a passo, entre salmos e cantos,
Já murchas, ofereço, em cada estrofe nula,
As pétalas sem luz dos pálidos "Helianthus".

Ilumina o meu livro antes que ao mundo o atire,
E já que me és na vida o sol que me deslumbra,
Em volta dêle sê a luz que o prenda e gire;

E quer êle triunfe ao mundo hostil e agro,
Quer sucumba e se estiole, hás de ver que ressumbra,
Florindo em cada verso, o amor que te consagro.

"Corola", a primeira parte de "Helianthus", é um livro do noivado e dos esponsais do poeta.

Relembremos a história dessas núpcias.

Soares Bulcão no decênio de 1890 já estivera no extremo Norte. E encontrava-se em Fortaleza, quando chegou do Amazonas, em Março de 1895, uma linda criança de treze anos, que alí se demorara algum tempo com pessoas da família. Era Mirandinha — o nome familiar daquela que, ao morrer, a 3 de Março de 1909, se chamava Filomena Leal de Miranda Bulcão.

Mirandinha deslumbrou a alma romântica do jovem de 22 anos e êsse amor é proclamado ardentemente no soneto "Filha do Céu":

Um pedaço do céu, límpido e belo,
Desprendeu-se do Azul, fendendo os ares,
E todo o mundo, deslumbrado ao vê-lo,
Viu-te dêle surgir à flor dos mares;

Vinhas de origem dêsse Azul singelo,
Trazendo em volta nimbus e luares,
Estrêlas nos anéis de teu cabelo,
E a luz do sol na luz de teus olhares.

Vi-te emergir como as visões radiosas,
Triunfal, por entre as ondas espumosas,
Branca, engastada na extensão marinha;

Deslumbrou-me o esplendor da claridade,
Em ti, adorei céu e a divindade,
E agora estou no céu por que tu és minha.

Noivo de Mirandinha, Soares Bulcão continuou, porém, o seu nomadismo, entre o Ceará e a Amazônia.

A 13 de Maio de 1899, ao completar 26 anos, escrevia, em um soneto:

Hoje, que fiz, ó noiva, mais um ano,
De ti distante, em áspero deserto,
Eis-me a pensar no triste desengano
Que traz a idade, no futuro incerto!

Essas viagens eram dolorosas para a saudade da noiva, que ficava no Ceará: Havia súplicas para gue não partisse. Mas o poeta terminava por seguir. Era o destino, que é o mesmo de todo cearense.

Em uma dessas crises, Soares Bulcão escreveu o soneto "Parte!":

— Não vás — pediu-me. E copioso e largo
Era o pranto a molhar-lhe a face fria.

E mais que o pranto o seu olhar dizia,
E mais dizia num suspiro amargo.

Depois, vencendo o mórbido letargo,
Que a alma tristonha aos poucos lhe invadia,
Disse-me: — Parte! não dirás um dia
Que o meu amor já te serviu de embargo!

Partí . . . E ela fingiu ficar tranquila.
Mas quanta vez, pelo caminho, a ouví-la,
Sustive o passo, trêmulo. Dest'arte,

Sentí que me seguia estrada em fora,
Ora, a pedir-me que não fôsse e, ora,
Serena e altiva, a repetir-me: — Parte!

Depois de uma longa ausência, o poeta veio do Acre com os seus versos e o seu amor e uniu-se pelo casamento à sua doce musa. Foi a 30 de Junho de 1900. A lua de mel não se prolongou. Um mês depois de casado, era o poeta novamente obrigado a partir por fôrça do seu cargo no Acre.

Partiu e Mirandinha ficou no Ceará com a família.

E o poeta formula um nostálgico paralelo no soneto "Compara . . .":

Pensas, de certo, como estou pensando
Neste primeiro mês de casamento;
Que rápido passou! . . . Que doce e brando,
Dêsse trecho feliz, cada momento! . . .

Compara-o agora ao mês que vai passando,
De ausência e desconfôrto! e vê que lento
Tem sido êste martírio miserando
De acre saudade e fundo desalento!

Mas não te deixes comover; compara
Essa fase de amor tão doce e breve
E o interminável mês que nos separa!

E vê se importa a sorte haver mudado,
Se nem um sec'lo de prazer descreve
Um minuto sequer dêsse noivado!

A vida do casal continuou sob o tormento da separação, amenizada pelas visitas periódicas de Soares Bulcão a Fortaleza. E, de uma feita, chegou o poeta a levar Mirandinha até Manaus, nunca se arriscando a conduzí-la até as asperezas das regiões acrianas, onde se considerava um exilado sentimental, embora se houvesse identificado com os costumes, as condições, as lutas e reïvindicações do território,

em que jamais se limitou a ser um mero funcionário contemplativo, mas um espírito de ação combativa e construtora.

Oito anos se haviam decorrido do enlace matrimonial, no dia em que Mirandinha completou vinte e seis anos, a 5 de Setembro de 1908: De lá, das plagas do Inferno Verde, o poeta lhe mandou um soneto — "Os teus anos":

Mais um ano se vai. Outros, de certo,
Menos tristes talvez, talvez felizes,
Virão cobrindo o grande sulco aberto
De amargura ocultando as cicatrizes.

E então, quem sabe? ... nesse lar deserto,
De cuja aflita solidão maldizes,
Dirás, ouvindo a voz do amor mais perto,
— "Quem há que nos julgasse de infelizes?"

Nada é perene nesta vida. Pensa
Nos dias de ventura e de bonança,
Após as horas de ansiedade imensa!

Espera! ... Quem confia sempre alcança.
Não há maior tristeza que a descrença,
Nem maior alegria que a esperança!

Em começos de 1909 Soares Bulcão veio ao Ceará e, quando voltou, em Fevereiro, ao chegar em Manaus teve um mau pressentimento. Em vez de prosseguir a viagem para o Alto-Puruz, voltou a Fortaleza.

E a 3 de Abril de 1909 Mirandinha fechou os olhos para sempre.

O poeta, que progredira em sua arte e já se reafirmara aprimorado nos capítulos "Hastil", "Fôlhas" e "Meu Filho", do livro "Helianthus", batido pela grande dor, adquiriu uma espécie de sublimidade.

A morte da esposa veio arrancar tons doloridos de sua lira. O primeiro soneto de sua viüvez é um lamento angustiado:

— Só no céu me verás! — tu disseste na extrema
hora em que de lá vinha o convite fatal.
Aureolava-te a fronte um fúlgido diadema
de esperança e de fé, na renúncia final.

Foi teu último adeus. Nessa angústia suprema,
vi a morte invadir o teu corpo lirial,
e fiquei, mudo e só, no terrível dilema,
de seguir-te ou ficar: e fiquei por meu mal.

Vai, minha filha, vai. Contigo seguirão
os meus sonhos de moço. E todo o meu destino,
que também era o teu, findou. No coração,

eterna guardarei, entre dobres de sino,
de teu corpo, que foi o meu culto pagão,
a tua alma, que é hoje o meu culto divino.

O poeta não esquece a sua querida Mirandinha. Suas estrofes são lágrimas cristalizadas em versos repassados de tristeza.

Vejamos as quadras da poesia "Dolentes":

Quem há que tenha, na vida,
Sofrido tanto como eu?
Mas que importa a alma ferida,
Se o coração não morreu!

O que meu coração sofre,
Jamais o tempo consome,
Por que dêle eu fiz um cofre
Para guardar o teu nome.

A chave de fita escura
Com que fechei teu caixão
É a mesma da fechadura
Que trancou meu coração.

Pediste a Deus que nos desse
A morte no mesmo dia,
Foi ouvida a tua prece:
-- Nem pior morte haveria!

Coração que acaso amou
Sinceramente, uma vez,
É campo que o sol crestou,
Deixando eterna aridez.

Quando vi que a tua lingua
Já não dizia o meu nome,
Minha alma chorou, à mingua...
Como um mendigo, de fome.

Quando as pálpebras cerraram
Teus olhos cheios de amor,
Tuas pupilas guardaram
Retratos da minha dor.

Ai! aquele último abraço
Que me deste, à despedida,
Foi entre nós como um laço
A morte prendendo à vida.

Quando eu apertei na minha
A tua gelada mão,
Tôda a algidez que ela tinha
Passou ao meu coração.

Do teu derradeiro beijo
Ficou-me o eterno ressábio,
Co o a impressão de um arquejo
Na contração do teu lábio.

A bôca que tanto disse
Palavras doces de amor,
Na derradeira meiguice,
Só fêz um rictus de dor.

Não sei qual de nós, querida,
Sente maior desventura,
Si és tu já na sepultura
Ou se eu sepultado em vida.

Quando teu corpo morreu,
Teu coração ficou vivo,
Por muito tempo cativo
Dêste amor que nos prendeu.

Não é na morte de certo
Que está o aniquilamento;
É maior morte o deserto,
A cova do esquecimento.

A estreita cova que encerra
O teu pequeno caixão
Anda vagando na terra
Comigo numa prisão.

Quando estou só no meu leito
Maldizendo a solidão,
Sinto que estás no meu peito
Me escutando o coração.

A nossa risonha alcova
Daquele eterno noivado
Mudou-se em soturna cova,
Onde eu vivo sepultado.

Muitas vezes acordado
Me surpreendo a sonhar,
Tendo-te viva ao meu lado
Como outrora, a conversar.

Sonhos mortos! que desgôsto
Quando me fico a revê-los!
Sinto ainda os teus cabelos
Em carícias no meu rosto.

Só morre quem não viveu
Dentro de um coração firme:
Tu já quiseste fugir-me,
Mas vives dentro do meu.

O vento passa veloz
Perturbando a noite calma,
Mas eu ouço a tua voz
Quando estou só com minha alma.

Antes morrer eu quisera,
Morrer deixando saudade,
Que sofrer a iniqüidade
Desta dor que desespera.

Quando chega a noite escura,
Vou para o leito esperar-te,
Minha alma vive à procura
Da tua, por tôda a parte.

A imagem de Mirandinha não lhe sai do pensamento. À medida que o tempo vai passando, a musa do poeta como que se liberta das sombras da morte, perde o envolucro funéreo e se vai tornando angelical, inspirando-lhe versos que poderiam ser dedicados a uma virgem adolescente.

As quadras "Mirandinha", escritas quatro anos depois, em 1913, têm essa lirial emotividade:

O nome de quem se estima
Sempre nos sai em poesia,
No verso formando rima,
À prosa dando harmonia.

Mirandinha, Mirandinha,
Que lindo nome era o teu!
Faz parte da ladaínha
Que eu rezo junto com o meu.

Meu coração ficou cheio
Das dez letras que êle tinha.
Tirei as cinco do meio.
Ficaste então sendo: — Minha.

Foi no teu nome a cantar
Pelas horas do sol-pôr,
Que eu aprendí a rezar
O padre-nosso do amor.

Quatro sílabas eu digo,
Quando chamo Mirandinha.
Mas meu coração, consigo,
Só duas repete: — Minha!

Nas dez letras do teu nome
Foi que eu aprendí a ler.
De cinco fiz um pronome,
Que me deu todo o saber.

Muitas vezes me concentro
Soletrando Mirandinha.
Esqueço as letras do centro,
Soletro sòmente: — Minha.

Com dez estrêlas se escreve
Teu nome — trago-o de cor —
Querendo fazê-lo breve,
Tirei cinco: ei-lo maior.

Gravei teu nome na areia
Para matar a saudade,
Más, à noite, a maré cheia
Passou levando a metade.

Quando o sol vinha nascendo,
Fui ver o que estava lá,
Vi cinco letras dizendo:
M. I. N. H. A.

Foi teu nome o meu rosário
De dez continhas, risonho.
Rezei nele o novenário
Da capela do meu sonho.

Fiz de minha alma ermidinha,
Do coração fiz altar,
Do nome de Mirandinha,
O Santo para adorar.

Fiz-me padre e me ajoelhei
Ante êsse altar de justiça,
Foi nêle que celebrei
A minha primeira missa!

Do coração fiz sacrário
Para o teu nome lá pôr,
O teu nome, que era o hostiário
Das hóstias brancas do amor.

Reproduzindo êsses versos, não pretendí destacar as melhores produções poéticas de Soares Bulcão, e sim levantar um perfil da vida sentimental do autor de "Helianthus". Neste modesto trabalho, e dado o caráter do Instituto do Ceará, a minha preocupação tem sido menos um estudo da poesia de Bulcão, do que, a final, a história, a biografia do poeta através da sua obra em versos.

Se o meu objetivo fôsse estudar sobretudo a arte de

Soares Bulcão, ter-vos-ia citado as estrofes lapidares de "O Berço", "O Enxoval", "Aleluia", e várias outras poesias, que podem figurar entre as melhores, no gênero, em lingua portuguesa.

Nesta casa, porém, Bulcão ingressou como um provecto estudioso de genealogia, de que, como já vos referí, não deixou êle corporizado o trabalho infatigável de quase meio século.

Perlustrei a sua obra poética para, por meio dela, retratar-vos o coração do homem, a sua extraordinária capacidade afetiva, a ternura do seu amor conjugal e os extremos carinhos de sua religiosa paternidade.

Não me alongarei trazendo para aquí os versos magníficos do berço e do enxoval de Hiram, nem os do nascimento de Lígia, obras primas, que um dia viverão na lingua materna, quando o "Helianthus" tiver a sua infalível e merecida publicidade.

* * *

Não vos devo igualmente falar — se não de passagem — do rude batalhador, do adestrado e violento polemista que foi Soares Bulcão.

Expedicionário nas campanhas do Acre, defensor da autonomia do território nas lides da imprensa, Bulcão deixou o Alto-Puruz em Janeiro de 1918, transferindo-se para o rio Pauiní, no Amazonas. Volveu definitivamente ao Ceará em 1920, quando o seu grande amigo Justiniano de Serpa veio ocupar a presidência do estado, cargo em que faleceu, em 1923.

Aquí ficou, à parte rápidas ausências.

Enveredou na política e foi eleito deputado à Assembléia Legislativa Estadual, nela figurando até a legislatura que terminou em 1928.

Homem de partido, tendo mesmo publicado um trabalho em que exalçava as virtudes da disciplina partidária, tão alheia ao seu temperamento independente, altivo e insubmisso, não tardou a insurgir-se contra o critério pessoal da distribuïção dos cargos representativos da política estadual, entre parentes e amigos inexpressivos dos chefes. E foi assim que, em um dos jornais da oposição, êle, governista, farpeou, com ironias cortantes, o vulto principal da sua corrente, o pachá da sua tribo partidária.

A sua carreira política não podia obter marcha ascencional, dentro daquelas virtudes cívicas que êle apregoou no seu trabalho sôbre a exata finalidade dos partidos.

Faltava-lhe a qualidade mais procurada pelos chefes políticos: a da completa subserviência. Marcado por suas honestas rebeldias, Soares Bulcão pendeu para o ostracismo dois anos antes da revolução de 1930, que dissolveu o poder legislativo, pois não era mais deputado estadual quando caíu a primeira República.

A migração adesista, em massa, que se verificou em seguida ao movimento de 1930 e terminou por absorver novamente o Estado, onde minguava o quadro dos valores administrativos, não teve em Soares Bulcão um vanguardeiro, nem um caudatário. Deixando a política, ou sendo por ela abandonado, o homem de pensamento volveu ao gabinete e ingressou no Instituto do Ceará, para maior título do seu nome e glória desta casa.

O lutador, ao fim da jornada, estava de mãos vazias para afrontar a velhice. Perdera as posições e restava-lhe sòmente uma função federal de parcos vencimentos.

Quinze meses antes de sua morte, quero dizer, a 21 de Abril de 1941, escrevia uma carta ressentida e melancólica a um velho amigo, cearense, residente na Capital Federal, carta em que transparecem a sua amargura e desilusão, mas, ao mesmo tempo, a têmpera do seu caráter sob o pêso da adversidade.

Dizia nessa epístola de natureza íntima:

> Agradeço-lhe o que me diz sôbre êsse modesto trabalho, verdadeiro ensaio, ou síntese de um livro que eu desejava escrever sôbre o Puruz, pois estou melhor aparelhado com documentação, em grande parte inédita, para obra de maior fôlego. Mas que quer você? Sou um falhado na vida e, ademais, descrente de todo esfôrço, desiludido e já incapaz de trabalhar. Estou apenas aproveitando êsses últimos remanescentes do bom tempo de atividade e ilusão. Sôbre o que me diz você da minha próxima aposentadoria, que espero, com todos os exíguos vencimentos a que estou reduzido, vou enviar ao Ministro, como V. me aconselha, não só o "Parêmias", como outras publicações que tenho e creio já êle as conhece, a não ser uns folhetos publicados no Puruz. Devo, entretanto, confessar que tenho mais nome e fama do que obras, como jornalista e escritor. Que vale isto? É verdade que muito me tem valido para a situação de inferioridade em que fiquei, depois da Revolução, como elemento inadaptável aos novos moldes. Por isto mesmo perdí os meus melhores amigos, que só o eram quando me sabiam com certo prestígio e independência de atitudes e talvez pecuniária, ou quando estávamos nivelados na mesma planície, na mesma esfera, igual para igual. Mudaram os tempos, com a nova ordem de cousas. Muitos, independentes, ficaram no ostracismo

feliz, gozando a fortuna adquirida e a fama do prestígio perdido. Alguns se mantiveram estagnados na posição que desfrutavam. E outros, que só tinham riqueza, seiva e ambição, subiram tanto, subiram tanto, que se ofuscaram com o poder, enquanto que eu mal me sustive na ilusão passageira de amparo e amizade platônica, até que perdí o terreno ganho com tanto esfôrço, resvalei para a humilhação de pedinte, de importuno e incontentável, abrindo-se entre nós um váeuo tão profundo, entre a sua grandeza e a minha pequenez, que melhor me sentí no abandono e no esquecimento. Hoje, velho, pobre e cansado, sobretudo desiludido, ainda tenho, para êsses tártufos, um resto de altivez e desprêzo. Basta e adeus. Amigo velho e certo.

Soares Bulcão.

* * *

Aí tendes, senhores do Instituto do Ceará, o que eu pude reünir, para traçar-vos uma biografia parcial do autor de "Parêmias" e "Helianthus". Soares Bulcão exigiria, sem dúvida, um estudo mais amplo da sua curiosa e empolgante individualidade literária, política e social. Mas aquí me deveria limitar a uma descrição perfuntória do homem a quem me cabe suceder nesta cadeira e cujo convívio convosco durou treze anos. Vacilei na escolha do caminho que deveria seguir, do filão que deveria explorar, na jazida opulenta de uma vida septuagenária intensamente vivida.

Senhores do Instituto:

Resta-me agora testemunhar o nosso reconhecimento ao vosso brilhante orador, o eminente homem de letras que é o padre doutor Misael Gomes, pelas generosas palavras ainda há pouco aquí proferidas.

Dirigimo-nos a vós, senhor padre doutor Misael Gomes, em cuja personalidade não sabemos o que mais admirar: se o espírito de um heleno do tempo de Hipéride ou o coração de um latino da era de Tito Lívio. Não foi em vão que, em vossa adolescência, vos abrigastes, durante vários anos de estudos, às bibliotecas centenares da Cidade Eterna.

Ao lado daquelas relíquias das idades, aspirando, como a um perfume, tôda a sabedoria do passado, o vosso espírito de sulamericano e nordestino do Brasil, exuberante da seiva do talento, contagiou-se da mesma paixão religiosa e filosófica que empolgou a alma do filho genial de Santa Mônica, diante do influxo magnetizante de Santo Ambrósio, cujas palavras irradiavam mais luz do que os reflexos do sol mediterrâneo, nas dunas africanas de Cartago.

Sois um artista iluminado pela magia de penetrar os

corações, onde sabeis derramar o elixir incomparável e dulcíssimo da amizade.

Aquí nos tendes, rendidos à delicadeza dos vossos conceitos, à comovente bondade do vosso gesto.

Terminei o meu obscuro trabalho!

Mas ainda vos rogo a homenagem da vossa lembrança a Soares Bulcão. E, para mim próprio, suplico a vossa benévola indulgência.